

## **A CRUZ, O ESTETOSCÓPIO E A PESTE: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA PROJEÇÃO QUE PARAMENTOU CRISTO COMO UM MÉDICO**

### ***THE CROSS, STETHOSCOPE AND PEST: A DISCURSIVE ANALYSIS OF THE PROJECTION THAT PARAMENTED CHRIST AS A PHYSICIAN***

Daniel Perico Graciano<sup>1</sup>  
Evandro José Paschoalino<sup>2</sup>  
Julio César Ribeiro dos Santos<sup>3</sup>

**RESUMO:** Servimo-nos de alguns conceitos legados de Nietzsche (1993; 2013; 2016, 2017a, 2017b) desenvolvidos por sucessores como Foucault (1996; 2012; 2016) e Deleuze (2013; 2017) no intento de exercer uma breve análise de uma projeção imagética realizada na estátua do Cristo Redentor em março de 2020, tomada como enunciado (FOUCAULT, 2008), emergente no espaço colateral (DELEUZE, 2013) dos enunciados conservadores do governo federal brasileiro no contexto de COVID-19. Buscamos apreender alguns efeitos de sentido bem como as linhas de força constitutivas de: a) Jesus Cristo paramentado como médico; b) a inscrição do lexema “obrigado” e alguns de seus equivalentes lexicais. A singularidade do sentido proposta na multiplicidade dos fenômenos aponta para duas maneiras de proteção ao Estado: em uma, exaltam-se os recursos humanos atrelados às preconizações sanitárias ladeada por práticas progressistas; em outra, os recursos materiais e patrimoniais de modo conservador e reacionário.

**PALAVRAS-CHAVES:** cuidado-de-si; Covid-19; Análise do Discurso Francesa.

**ABSTRACT:** We use some legacy concepts of Nietzsche (1993; 2013; 2016, 2017a, 2017b) and successors such as Foucault (1996; 2012; 2016) and Deleuze (2013; 2017) in an attempt to carry out a brief analysis of a projection held at the statue of Christ the Redeemer potential as a reaction to the official Brazilian discourse in the context of COVID-19. We seek to apprehend some effects of meaning as well as the constitutive lines of force of: a) Jesus Christ dressed as a doctor; b) the inscription of the lexeme “thank you” and some of its foreign lexical equivalents. The singularity of the meaning proposed in the multiplicity of the phenomenon points to two non-exclusive ways of protecting the State: in one, human resources are exalted with the subterfuge of protection to life; in another, material and patrimonial resources.

**KEYWORDS:** self-care; Covid-19; French Discourse Analysis.

### *A peste e o monstro frio*

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (PPGL/UFSCar). Contato: [dani\\_p.graciano@hotmail.com](mailto:dani_p.graciano@hotmail.com).

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (PPGL/UFSCar). Contato: [signorevandro@gmail.com](mailto:signorevandro@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (PPGL/UFSCar). Membro do Grupo de Pesquisa LEETRA-CNPq. Agência de fomento: CAPES. Contato: [j.ribeiro90@hotmail.com](mailto:j.ribeiro90@hotmail.com).

*Conspirar quer dizer respirar junto e é disso que somos acusadas*

Moraes (2020)

Anuncia Zaratustra: “O Estado é o mais frio de todos os monstros frios. Ele também mente com frieza; e esta mentira insinua-se de sua boca: ‘Eu, o Estado, sou o povo’” (NIETZSCHE, 2017a, p. 69, aspas do autor). No entender da personagem que se confunde com o filósofo o qual se afirmaria Dionísio em fim de vida (cf. Nietzsche, 2017b), o Estado é o triunfo da *moral escrava* sobre o qual estariam dependuradas crenças, amores e ciladas (cf. Nietzsche, 2017a) com fins de conservação do rebanho. O Estado, Novo Ídolo, congrega desde seus estágios primitivos o rebanho enfraquecido pela má-consciência e dor interiorizada a partir da universalização de valores eminentemente conservadores do homem “do povo” em detrimento de seu avesso, os valores nobres. Atrai os cansados e quer “rodear-se de homens heróis e homens honrosos” (NIETZSCHE, 2017a, p.70) num lento suicídio coletivo chamado “vida”. O Estado fortalece-se do enfraquecimento das mais finas criações filosóficas, científicas e artísticas. Eis o Estado, perversa máquina de captura (DELEUZE, 2008); eis também que mesmo a poderosa máquina pode ser arrebatada por um inimigo invisível a olhos nus.

Uma forte ameaça à vida humana em termos biológicos é prevista pelos cientistas Yi Fan, Kai Zhao, Zheng-Li Shi e PengZhou num artigo intitulado *Bat Coronaviruses in China*. Decorrido um ano, a prospecção científica realizar-se-ia no estatuto de pandemia que acarretaria consequências as quais viriam a intensificar a polarização política no planeta e acelerar a miséria já estruturada por projetos neoliberais: conta a história empírica que uma guerra não termina, mas atualiza-se por outros meios.

No Brasil, o Presidente da República Jair Messias Bolsonaro (sem partido) opõe-se com veemência à preconização da Organização Mundial da Saúde, a qual prevê isolamento horizontal como medida profilática de achatamento da curva de contágio. Na contramão da verdade científica, a deliberação do chefe do executivo brasileiro prioriza a economia e as relações com os Estados Unidos da América e nega com ares de desdém a gravidade da doença, atrelando-a somente a grupos específicos (idosos e pacientes com comorbidades). Em meio à luta contra o vírus, assistimos também, no

Brasil, à luta pelo *verdadeiro*, objeto de poder político e de luta social (lutas “ideológicas”) (cf. Foucault, 2016).

Sem almejar a depreensão totalizante do sentido -- o que seria uma quimera --, este constituído forças tantas quantas forem as quais se apropriam do fenômeno (DELEUZE, 2018), buscamos lançar uma perspectiva a propósito do valor das origens e da origem dos valores atribuídos à imanência. Com orelhas pequenas e olhos grandes (NIETZSCHE, 2017a), somos incitados a questionar, auscultar. Veremos adiante, com Foucault (2016), que a emergência da medicina moderna remete ao protecionismo do Estado e não do indivíduo, ainda que o efeito de sentido produzido seja o contrário, o que corrobora a perspectiva nietzscheana do trabalho do Estado no constante forjar de “iscas para excedentes” (NIETZSCHE, 2017a, p.68) por meio das capturas, i.e., a captura do médico e seu saber-poder na sustentação dos interesses do rebanho enfraquecido defensor de interesses alienados e detentor de má-consciência -- ora, o Ex-Ministro Mandetta nunca disfarçou o interesse primário de “não colapsar o SUS”<sup>4</sup>. Em seguida, partiremos de alguns conceitos-chave do filósofo no intento de iluminar as nossas análises sobre um acontecimento: a projeção holográfica que produz a imagem de Cristo Redentor paramentado com a inscrição “obrigado” em diversos idiomas. De um lado, recursos patrimoniais; do outro, recursos humanos; de um lado, um presidente colérico a serviço do empresariado; do outro, fortes instituições em defesa da vida. Paira a questão: trata-se, aqui, da defesa da vida humana em sua singularidade ou da força motriz que conserva o Estado?

#### *Um olhar para a história*

Em *O nascimento da medicina social*, Foucault (2018) nos apresenta a sua leitura de acontecimentos que remetem à medicalização na Alemanha, França e Inglaterra entre os séculos XVII-XIX com o objetivo de problematizar a articulação entre medicina individualizante e emergência da sociedade capitalista, partindo da hipótese de que

o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto

---

<sup>4</sup> Valente, J. Sistema de saúde pode entrar em colapso em abril, diz ministro. In: **Agência Brasil** (20/03/2020). Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/sistema-de-saude-pode-entrar-em-colapso-em-abril-diz-ministro-da-saude> . Acesso em: 24.nov.20 .

força de produção, força de trabalho. **O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo.** Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. **A medicina é uma estratégia biopolítica** (FOUCAULT, 2018, p.144, destaques nossos).

Foucault (2018) constata que a medicalização tem como alvo o *Estado*, depois as *cidades* (com o desenvolvimento das estruturas urbanas na França, em fins do século XVIII) e, por último, os *indivíduos* -- uma vez fortalecido o Estado, é momento de proteger as classes dirigentes das “doenças dos pobres”. A essa altura do desenvolvimento do projeto biopolítico, sobretudo na Inglaterra, Foucault (2018) lança destaque para as manifestações populares anti-medicalização e suscita-se a questão sobre o direito à vida, à saúde, ao bem estar - uma forma de resistir aos imperativos do poder. À época, a resistência apanhava-se num subterfúgio religioso, ora se Deus tudo pode, Ele cura os merecedores (os bons e fiéis).

A quarentena é, como sinaliza Foucault (2018), um modelo não apenas médico, mas também político. Frente aos grandes surtos epidêmicos durante a Idade Média, na França: “todas as pessoas deveriam permanecer em casa para serem localizadas em um único lugar. Cada família em sua casa e, se possível, cada pessoa em seu compartimento” (FOUCAULT, 2018, p.155). O modelo se repetiria no século XVIII, o “esquema da quarentena foi um sonho político-médico” (FOUCAULT, 2018, p.156), com a diferença que de um sistema exclusão (como no caso da lepra, em que os doentes eram forçosamente conduzidos para lugares específicos) passa a ser um sistema de internação. Neste modelo de controle biopolítico, os doentes não são mais banidos da cidade, que deve ser “purificada” dos bodes expiatórios, mas são individualizados, catalogados, analisados, observados, segundo um dispositivo de vigilância. É nesse período também em que ocorre uma primeira ruptura entre medicina e religião:

Tem-se, portanto, o velho esquema médico de reação à lepra que é de exclusão, de exílio, de forma religiosa, de purificação da cidade, bode expiatório. E o esquema suscitado pela peste; não mais a exclusão, mas o internamento; não mais o agrupamento no interior da cidade,

mas, ao contrário, a análise minuciosa da cidade, a análise individualizante, o registro permanente. É a revista militar e não mais a purificação religiosa, mas militar que serve, fundamentalmente, de modelo longínquo para essa organização político-médica (FOUCAULT, 2018, p.157).

Com a emergência da química moderna e seus voluptuosos aprimoramentos, realizados por cientistas como Lavoisier, em consonância com a medicina, resolvia-se o principal problema da urbanização crescente naquele período: a salubridade. A partir dos instrumentos de análise das condições do ar e da água, por exemplo, era possível prevenir grandes surtos epidêmicos.

No século XIX, a industrialização agravou significativamente a divisão de classes na Inglaterra. A instituição de um sistema de medicina social que atendesse às camadas mais pobres da população se fez necessária, mais por medo de um possível contágio atingir os mais abastados, segundo Foucault (2018), que por manutenção da força de trabalho. É com base nesse contexto que a relação entre religião e medicina ressurge, mas dessa vez trata-se de uma relação antagonista:

grupos de dissidência religiosa, de diferentes formas, em diversos países, que têm agora por objetivo lutar contra a medicalização, reivindicar o direito das pessoas não passarem pela medicina oficial, o direito sobre o meu próprio corpo, o direito de viver, de estar doente, de se curar e morrer quando quiserem. Esse desejo de escapar da medicalização autoritária é uma dos temas que marcaram vários grupos aparentemente religiosos, com vida intensa no final do século XIX e ainda hoje (FOUCAULT, 2018, p. 168-169).

Não cabe aqui constatar se a resistência à medicalização autoritária prefigurada pelos pobres ingleses em relação é uma forma de niilismo reativo, passivo ou ativo; tampouco compreender direito à vida e medicalização arbitrária como termos contraditórios da relação. Cabe notar, dadas as diferenças abissais de cada contexto, que o enunciado em questão (grosseira e provisoriamente compreendido como preconização de um *fazer viver* obstinado) traz um sentido oposto ao unir *certa* religiosidade e *certa* medicina implicando lacunas das quais emergem as resistências baseadas num ideal ascético alheio às vontades de verdades vigentes.

## 1. À luz de Foucault

Conquanto não optemos pela divisão estanque entre categorias conceituais em nossa análise -- e ainda que o fosse possível --, apontamos três noções foucaultianas que nos parecem centrais para a análise: enunciado, arquivo e documento/monumento, presentes na célebre *A arqueologia do saber* (FOUCAULT, 2008). Os enunciados são singulares, nem inteiramente linguísticos, nem exclusivamente materiais, mas “indispensáveis para que se possa dizer se há ou não frase, proposição ou *speech act*” (FOUCAULT (2008, p. 103), i.e., uma função que cruza estruturas, unidades e faz emergir conteúdos no tempo e no espaço. Vê-se o enunciado como *linhas de força* (DELEUZE, 2013), informes, abstratas e as quais produzem a concretude num nível lógico-gramatical que se difere da *enunciação* por ser irrepetível: “uma série de signos se tornará enunciado com a condição de que tenha com ‘outra coisa’ (...) uma relação que se refira a ela mesma – e não às suas causas ou seus elementos” (FOUCAULT, 2008 p. 100).

Foucault (2008), propõe que o enunciado em termos de função que determina os objetos, não se deixando reduzir e também não passando ao largo dos sistemas simbólicos (e.g. linguísticos, visuais, musicais etc.). No interior da *função enunciativa* deve encontrar-se: (a) o correlato, definido como *referencial*, constituído por leis de possibilidades, regras de existências, relações, possibilidades e que formará a instância de diferenciação dos indivíduos e objetos; (b) um *sujeito* que será posicionado e discriminado pelo enunciado (i.e., uma função vazia ou unidade substancial) para além da análise de relações entre o *autor* e o que disse ou disse sem querer, mas uma posição que deve ocupar o indivíduo como função do enunciado; (c) um *campo adjacente*: um espaço colateral, i.e., margens povoadas por outros enunciados: um campo enunciativo associado constituído por formulações que desenvolvem outro elemento, formulações que recorrem a outros enunciados, ou por formulações que o replicam; (d) *materialidade repetível*, a qual implicará a função da identidade do enunciado em vários níveis: não se trata estritamente de uma “materialidade sensível, qualitativa, apresentada sob a forma de cor, do som ou da solidez e esquadrinhada pela mesma demarcação espaço-temporal que o espaço perceptivo” (FOUCAULT, 2008, p. 115). A identidade do enunciado flutua segundo as instituições materiais, mais definida pelo *status*

(convenção social, acordo tácito de atribuição de valores) codificado relativo do que pela coisa ou objeto, bem como ao campo no qual o enunciado desempenha sua função. Nas palavras de Lapoujade (2017, p. 221), um “enunciado de um sequestrador de avião desterritorializa os passageiros e os reterritorializa como reféns. Um signo não é signo de algo, mas signo de desterritorialização ou de reterritorialização”.

Outra noção importante diz respeito ao *arquivo*. Segundo Foucault (2008, pp. 158-160), o arquivo é o que, na própria raiz do enunciado-acontecimento e no campo que se dá, define o sistema de enunciabilidade e o sistema de funcionamento:

Entre a *língua* que define o sistema de construção das frases e o *corpus* que recolhe passivamente as palavras pronunciadas, o *arquivo* define um nível particular: o de uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados com tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação. Não tem o peso da tradição (...) mas não é (...) o esquecimento acolhedor que abre a qualquer palavra nova o campo de exercício de sua liberdade; entre a tradição e o esquecimento, ele [o arquivo] faz aparecerem as regras de uma prática que permite aos enunciados subsistirem e, ao mesmo tempo, modificarem-se regularmente. *É o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados* (FOUCAULT, 2008, p. 159, *itálicos do autor*).

O filósofo acalenta-nos ao dizer que não podemos descrever o arquivo em sua totalidade tampouco contorná-lo em sua atualidade e nos adverte que clareza e tempo cronológico de separação são atributos igualmente proporcionais. A preservação do documento impõe ao presente determinados sentidos do passado e não outros; de outro modo, os documentos ao mesmo tempo revelam e escondem, de acordo com as relações de forças em jogo. O monumento perdura a despeito das imputações do poder. Que fale o filósofo:

Digamos, para resumir, que a história, em sua forma tradicional, se dispunha a “memorizar” os *monumentos* do passado, transformá-los em *documentos* e fazer falarem estes rastros que, por si mesmos, raramente são verbais, ou que dizem em silêncio coisa diversa do que dizem; em nossos dias, a história é o que transforma os *documentos* em *monumentos* e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos (FOUCAULT, 2008, p. 8 *destaques do autor*).

Transformar o monumento em documento é tomar uma posição. No entanto, é paradoxalmente necessário converter o monumento em documento para que este possa ser analisado como um monumento, essa é a operação que Foucault propõe em relação ao arquivo.

## 2. *Um ídolo, uma ascese*

Um enorme Cristo, de proporção teratológica, ergue-se a 709 metros acima do nível do mar no Parque Nacional da Tijuca, situado na cidade do Rio de Janeiro. Inaugurada em outubro de 1931, a estátua *art déco* de 38 metros de altura é um símbolo nacional de notória e certificada projeção internacional: Patrimônio da Humanidade da UNESCO, uma das sete maravilhas modernas do mundo, a redenção de concreto armado e pedra sabão é, talvez, a principal representação do Brasil no imaginário mundial.

A laicidade do Estado brasileiro é uma garantia constitucional. Deste modo, perguntamo-nos o motivo de o maior monumento cristão do mundo ter sua instalação em solo brasileiro. Entre jurisdições e as práticas, nota-se que a despeito da propaganda da diversidade religiosa, “o que se costuma chamar de pluralismo religioso limita-se a uma diversidade cristã” (SOUZA, 2012, p. 129). Das religiões neopentecostais ao kardecismo, do catolicismo às religiões afrobrasileiras, como diz a canção: “*São Roque é Obaluaiê/ como Santa Bárbara é Iansã,/ São Lázaro é Omolu,/ São Jorge é Ogum, Santana é Nana/ E assim São Bartolomeu é Oxumaré,/ São Pedro é Xangô,/ Obá é Joana D'Arc/ E Pai Oxalá é Nosso Senhor*” (PINHEIRO; SANTOS, 2002). De qualquer forma, somos o segundo maior país cristão do mundo, com 180,7 milhões de adeptos.

Por ora em suspenso questões de diversidade religiosa, cumpre-nos abordar algumas implicações e consequências discursivas da projeção artística realizada na estátua do Cristo Redentor no dia 12 de abril de 2020. Cumpre destacar que a celebração aos pés da estátua, irrepetível desde sua inauguração, ocorreu sem a presença de fiéis -- em sintonia com as determinações das autoridades sanitárias mundiais -- num dia sagrado para o calendário católico: o domingo de Páscoa, o qual relembra a crucificação e a morte de Jesus Cristo. Deter-nos-emos mais especificamente no *frame* o

qual a “paramentou” com elementos simbólicos caros a um médico<sup>5</sup> (jaleco e estetoscópio) acompanhada da palavra “obrigado” e seus equivalentes lexicais de outros sistemas linguísticos. A representação, que buscou exaltar, homenagear e rezar pelos profissionais da saúde atuantes no combate ao avanço da pandemia da Covid-19, é de responsabilidade do movimento intitulado #FormouEsperança, idealizado por autoridades religiosas do Rio de Janeiro com vistas a angariar suprimentos para comunidades desassistidas.

### 2.1 Honra o médico, porque ele é necessário pois foi o Altíssimo que o criou<sup>6</sup>

Examinemos a imagem a seguir, compreendida como a atualização de um enunciado (FOUCAULT, 1996) bastante repetido por formações discursivas alinhadas ao domínio das vontades de verdade científica. A projeção indica que a imagem é a desterritorialização de uma verdade religiosa (Cristo) que se reterritorializa em uma verdade científica (médico) com efeito estratégico. Vejamos:

Imagem 1 – *Cristo Redentor*.



<sup>5</sup> Muito embora saibamos que indumentária e instrumento de aferição não sejam de uso exclusivo médico, tomamos, para a finalidade de análise, a memória discursiva em nosso contexto histórico, discursivo e social.

<sup>6</sup> Eclesiastes, 38.

Fonte: *Portal G1*.

Um exame documental (FOUCAULT, 2008) acusa a projeção de um uniforme médico na imagem sagrada de Jesus Cristo: o azul simboliza o uniforme (macacão hospitalar) comumente usado em blocos cirúrgicos, salas de emergências e unidades de terapia intensiva; o jaleco, diz respeito ao uniforme clínico/ambulatorial: a sobreposição do jaleco no macacão alude à azáfama do profissional da saúde cuja romantização propõe valor eufórico. Sabemos que se trata de um médico por conta da inscrição do Bordão de Asclépio no bolso do jaleco, à esquerda da imagem, grafado na cor vermelha. A imagem mobiliza aquilo que é mais conhecido e ordinário nos dois domínios: o médico, para a área de saúde; Cristo, para o cristianismo. A figura do médico e a legitimação social de seu poder-saber frente às demais carreiras na área de saúde -- também presente na bandeira da Organização Mundial da Saúde -- é equivalente à figura de Cristo (por sua paixão, por sua historicidade) no simbolismo cristão (basta pensarmos brevemente a figura da cruz tão presente em ambientes institucionais mesmo nos estados laicos).

Tomada como tal, a imagem atualiza de maneira sincrética enunciados constitutivos de uma formação discursiva que toma a vida (mesmo decadente ou moribunda) como soberana. Já a posição tomada, dentre outros sujeitos, pelo Presidente da República, diz respeito à face mais perversa do neoliberalismo, em que a economia importa mais que o direito à vida e a dignidade humana. Questões como “Por que não equipar a imagem com máscaras?”, já que esta compõe o conjunto de equipamentos de proteção individual do profissional da saúde, ou “por que Cristo e não Ogum?” conduzem a uma análise monumental, que propomos nas linhas que seguem.

## 2.2 Um histórico agradecimento

Na modernidade, a *vontade de verdade* tem em seu centro o discurso científico, ainda que permeado por incitações econômicas e políticas que implicam na produção do

saber. Aprendemos com Nietzsche: *Gott ist tot!*<sup>7</sup> Mais tarde e na esteira do filósofo alemão, ensina-nos Foucault (2018, p. 54) “a verdade está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a produzem” estando, portanto, em função do devir histórico. A verdade científica, assim como a verdade religiosa, é uma faísca que brota de uma guerra, mero efeito do choque de lâminas, das afecções das relações entre linhas de força. Este efeito não é passivo, não é uma simples decorrência causal do choque: efeito ativo no sentido de que efetua e sustenta relações de poder. A verdade, na condição de efeito efetuator, é o que leva ao engajamento do sujeito às causas, aos ideais, como na busca de verdades e também moralidades (e.g. bem e mal) etc. a partir da invenção e legitimação de saberes que sustentam e constroem as relações de poder em que se produzem subjetividades.

A conjunção entre as verdades a serviço da ética anti-genocida apresenta um inimigo comum: o vírus. No entanto, o enunciado traz em seu bojo, de certa forma, resquícios daquele que elegeu como inimigo, de acordo com Achiille Mbembe: “antes da colonização, os animais silvestres, principais reservatórios de patógenos, estavam circunscritos à ambientes nos quais apenas populações isoladas viviam” (MBEMBE, 2020, p. 6) de maneira harmoniosa. A colonização traz aos trópicos algumas das criações do hemisfério norte, dentre as quais o cristianismo, o estetoscópio e a peste. Dito isso, é inevitável não rememorarmos o genocídio indígena nas Américas, iniciado entre o final do século XV e o começo do século XVI, que, tendo como aliado o vírus da gripe, provocou a morte de um número incalculável de pessoas na maior chacina da história.

A coexistência da figura de Jesus Cristo e a alusão ao médico é uma união de contrários (*coincidentia oppositorum*), já que podemos pensar na figura do Cristo a partir do caráter paradoxal do trágico, em que, um dos sentidos da morte de Deus, que, conforme Deleuze (1986), remete ao Pai que sacrifica o filho para livrar-se dos estigmas atribuídos a ele:

o credor teria dado seu próprio filho, teria pago a si mesmo com seu próprio filho, tão imensa era a dívida do devedor. O pai não mata o filho para torná-lo independente, mas para nós, por nossa causa. Deus põe seu filho na cruz por amor; responderemos a esse amor na medida

---

<sup>7</sup> Deus está morto (tradução nossa).

em que nos sentirmos culpados, culpados dessa morte, e à medida que a reparamos acusando-nos, pagando os juros da dívida (DELEUZE, 1976, p. 71).

Cristo padeceu por fazer-se à imagem e semelhança do Pai, este que não poderia tornar-se cosmopolita: “ele partiu em andança para o exterior, mas não se deteve em nenhum lugar: até enfim estar em casa em toda parte” (NIETZSCHE, 2016, p.22). Cristo é o “diplomata”; diplomacia também vista na apreciação eufórica dos agentes táticos da estratégia do biopoder, caracterizada de maneira bastante segregadora, uma vez que outros postos de serviço são expostos à mesma (ou mais intensa) condição de salubridade e são tão decisivos nos desfechos quanto os médicos e não são, uma vez mais, reconhecidos socialmente. Assim, a exaltação do profissional médico é cunhada no sofrimento, no risco que assume por *nós*, tal qual Cristo martirizado.

Decorre, com efeito, outra ambivalência no referente do enunciado: quer com Cristo, quer com o Médico (que também é uma figura reterritorializante da ciência), quer com os dois - o que se supõe, um *contínuo* entre o niilismo negativo e reativo (DELEUZE, 2017) -, negamos o acaso, a vida. E negamos a vida em nome de um Ídolo, de que temos a necessidade. De outro modo: ascetas, negamos esse mundo para afirmar um “mundo verdadeiro”, um mundo metafísico, um mundo transcendental. Alimentamos um niilismo passivo, já que sofremos o acontecimento ao invés de gozá-lo, guardamos ressentimento do acontecido. A vida, substanciada de forças, interpretadas e avaliadas como ativas ou reativas pela vontade de potência num eterno retorno (DELEUZE, 2013), leva o niilista negativo a inventar para si um mundo transcendente que será previsível e contível, negando o mundo presente (do acaso) e afirmando um mundo “verdadeiro” (indemonstrável, sempre prometido e nunca experimentado).

Os valores divinos e clínicos são afirmados na má consciência, que mantém a existência através da culpa (o *dever* a Cristo, o *dever* ao médico) e da moral. É preciso agradecer em quantas línguas nos for possível, àqueles “super-heróis” do biopoder que governam e zelam pela vida dos “fracos” que marcham em um rebanho homogeneizante pastoreado pelo sacerdote. A existência de um inimigo comum garantirá a coesão da gregaridade.

### 2.3 Gratidão e culpa

Em *Genealogia da moral*, Nietzsche (2009) questiona o porquê de obedecermos as verdades metafísicas, sobretudo a partir do dualismo “bem” e “mal”. O filólogo e filósofo propõe a *transvaloração de todos os valores* (*grosso modo*: aceitar o que negamos) e entende a existência de uma herança sacerdotal que exalta o fraco e nega o forte. Nietzsche (2009) entende uma inversão dos valores correspondentes à própria capacidade de afirmar a existência: ora, como um fraco pode ser forte? No domínio da moral escrava, os homens necessitam de verdades metafísicas e asceses (filosóficas, religiosas); aquele que é nobre na moral escrava se sente culpado, não *esquece* e ressentido (o forte re-age) (DELEUZE, 2013) e deve agradecer, assumir a dívida para permanecer nobre. Na imagem a seguir, correspondente aos pés de Cristo (em nossa cultura, curvar-se diz respeito à humildade), temos o substantivo “obrigado” (ao centro) acompanhado de seus equivalentes funcionais. Examinemos algumas de suas consequências:

Imagem 2 - Obrigado.



Fonte: Portal G1.

O agradecimento é um ato de fala que remete a um passado que se sustenta, que perdura na culpa e na má-consciência. Dizer “obrigado” é reconhecer a dívida e reconhecer o próprio pertencimento ao rebanho devedor. Não se trata, portanto, de reciprocidade, mas de um desequilíbrio que constitui um arquétipo de organização social que não pode implicar em troca, já que as forças que estão em jogo são assimétricas. A relação entre credor (médico/Cristo) e devedor (o rebanho que diz “obrigado”) se baseia num dispositivo capitalístico de fechamento e antecipação temporal, um “hipotecamento” da indeterminação que normaliza o tempo, controlando-o e excluindo-o na tentativa de “dispor do porvir por antecipação” (LAZZARATO, 2014, p. 82). Todo esse rebanho é adestrado e domesticado no interior de um grande pasto global: “gracias”, “danke”, “merci”, “thank you”, “grazie” etc.

As relações tipológicas entre o agradecimento e o pedido de perdão são muitas, ambos os enunciados evidenciam a presentificação de um acontecimento cronologicamente passado: enquanto no agradecimento temos afirmação de uma dívida, no perdão tem-se a afirmação de um crédito. Assim, o cristianismo consagra o carrasco, a vítima e a redenção na mesma trindade em uma vida injusta que deve sofrer para ser justificada ou perdoada (DELEUZE, 2013). Confessamos ao médico, sujeito do conhecimento, que nos diagnostica, propõe tratamento e nos promete a “salvação”; a Cristo, com quem temos uma dívida histórica, confessamos os pecados, assumimos a culpa, pagamos por eles e somos certamente perdoados.

A vontade de verdade institucional (científica e política: fazer viver) e agenda do cristianismo (a proteção a vida vista em medidas contrárias a métodos contraceptivos mesmo os mais primitivos até o aborto) materializada no enunciado em questão apoia-se em um suporte institucional condizente com a disposição de forças no contexto de urgência caro à pandemia: um conjunto sistematizado e sistêmico de leis, discursos, práticas sociais, arquitetura, entretenimento que nos remeteria, em sua configuração e finalidade, à noção de dispositivo (FOUCAULT, 2016).

*Considerações finais*

O nosso brevíssimo percurso parte da emergência da medicina social, aquela que, no intento de estabelecer, manter e otimizar o Estado em termos políticos e econômicos na emergência da sociedade capitalística em meados do século XVII, comporta, como efeito estratégico, o sentido de “cuidado individual” – não seria esta uma isca da vida decadente e escrava, de que nos falava Zaratustra? Ao desvelar, Foucault (2016) mostra-nos como somos reduzidos a “recursos humanos” equivalentes necessários, em termos práticos, a “recursos materiais”, tal como infraestrutura ou insumos os mais diversos. Quando destituído o lastro paternalista (caro ao Estado e às instituições que lhe são constitutivas), chocamo-nos com a nuance mais perversa, aquela que admite, sem pudor ou escrúpulos, que, antes de cuidar dos cidadãos, cabe ao Estado cuidar de sua estrutura.

Chegamos ao hoje, com a imagem do Cristo/médico, uma união de contrários, a qual tem condições de emergência bem diferentes: não se trata somente de uma gestão biopolítica, como na Inglaterra novecentista ou na França oitocentista, mas de uma tomada de decisão por parte da pastoral cristã frente ao modelo necropolítico adotado pelo governo brasileiro.

Nesse ponto, chegamos à ética, ao cuidado-de-si. Conscientes do nosso histórico de privações e explorações e da perversidade do Estado para quem somos não menos que uma “função” passível de substituição, cumpre-nos o justo manejo de nossas relações com as linhas de força no intento de prover ações, de maneira capilar, nas relações microfísicas, com vistas a obedecer a si mesmo, ainda que tenhamos de desobedecer ao outro. Linhas de força microfísicas, como esta projeção de Cristo: conquanto não esconda o rosto atrás de uma máscara cirúrgica, mostra-se ao mundo, na condição de “Cartão postal brasileiro”, representando, portanto, um povo, envergonhado pelas declarações governamentais, e posiciona-se, de maneira tensiva e paradoxal, ao lado da ciência e do direito à vida. A gratidão, condição cara ao rebanho, comporta dupla sujeição: a Jesus, o médico dos médicos (divindade); ao profissional da saúde, Seu instrumento (ciência) numa luta também política.

### *Referências*

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

GRACIANO, Daniel Perico; PASCHOALINO, Evandro José; SANTOS, Julio César Ribeiro dos. A cruz, o estetoscópio e a peste: uma análise discursiva da projeção que paramentou Cristo como um médico. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 2, n 1, p. 111-126, 2021. (ISSN: 2317-1006 - online).

- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.
- FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder. In: **Microfísica do poder**. MACHADO, R. (org.). 4ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In: **Microfísica do poder**. MACHADO, R. (org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Gen Forense, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: n-1, 2017.
- LAZZARATO, Maurizio. **O governo do homem endividado**. São Paulo: n-1, 2014.
- MBEMBE, Achille. **O direito universal à respiração**. Publicado em: n-1 edições. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/020>. Último acesso em: 29/04/2020.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1, 2018.
- MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- MORAES, Alana. **Atravessar como Medusas contra as coordenadas dos heróis**. Publicado em: n-1 edições. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/032>. Último acesso em: 29/04/2020.
- NIETZSCHE, Friederich. **O anticristo e ditirambos de Dionísio**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.
- NIETZSCHE, Friederich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: LPM, 2017a.
- NIETZSCHE, Friederich. **Ecce Homo**. São Paulo: LPM, 2017b.
- NIETZSCHE, Friederich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- NIETZSCHE, Friederich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.
- NIETZSCHE, Friederich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friederich. **Vontade de Potência: ensaio de uma transmutação de todos os valores**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.
- SINCRETISMO. Compositor: PINHEIRO, Paulo César. Intérprete: SANTOS, Sérgio. Sincretismo. In: **Áfrico: quando o Brasil resolveu cantar**. Intérprete: SANTOS, Sérgio. Rio de Janeiro: Biscoito fino, 2002, 1 CD, faixa 6 (2 min.).
- SOUZA, André Ricardo. O pluralismo cristão brasileiro. In: **Caminhos**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 129-141, jan./jun. 2012.
- SPINOZA, Benedictus. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

*Recebido em novembro de 2020.*

*Aceito em fevereiro de 2021.*